

A EDUCAÇÃO POPULAR COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO EMANCIPADOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Queiroz, Daniela Pereira Neto (1); Pinto, Wiliam Vinícius (1); Silva, Lucélia Maria da (2);
Lopes, Franz Carlos Oliveira (3); Silva, Maurício Pedro da (4)

Universidade Nove de Julho. danielapereiraneto@gmail.com

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos é uma conquista carregada de inúmeros desafios, pois não se limita apenas no ato de alfabetizar, mas também buscar compreender e ressignificar as complexidades, supostamente, existentes nas turmas heterogenias que compõem essa demanda educacional, trazendo consigo os seus costumes, valores e tradições distintas, bem como a diversidade etária e as experiências de vida, modo de interpretar o mundo e conhecimentos socioculturais.

Conforme consta na literatura, a EJA no Brasil iniciou em meados de 1549, levando em consideração o contexto sócio-histórico e cultural da época em que os portugueses tinham exímio interesse em catequizar os nativos por meio dos ensinamentos advindos dos jesuítas, especificamente, pautados na esfera religiosa, situação essa que empregava conceitos de doutrinação religiosa no âmbito educacional, além de responder as necessidades de mão de obra qualificada para o exercício de determinadas funções. É notável que a intenção não era a inclusão social e, ou, conscientização daquelas pessoas, deixando de lado o estímulo a criticidade, pelo contrário, impondo valores de um determinado grupo social. Em 1759 os jesuítas conhecidos por Companhia de Jesus, foram expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal, sendo extraditados para Portugal onde foram presos. Neste período, a educação de adultos começa a passar por questionamento, sendo assim, adotado na ocasião que somente a população burguesa teria acesso à educação, desta forma, consequentemente, excluindo do sistema educacional da época as pessoas da camada popular, índios e negros.

Um fato importante não só para a EJA, mas para educação no geral, foi o manifesto dos pioneiros da educação nova em 1932. Esse documento que continha o subtítulo: A Reconstrução Educacional no Brasil – ao povo e ao Governo, apresentando o objetivo de reivindicar contra a desordem que se apresentava a educação brasileira, tomando como referência que o povo não tinha os mesmos direitos do que a classe burguesa – criticamente, o que percebemos que não destoa do que vivemos nos dias atuais – os idealizadores do manifesto perceberam a necessidade de uma renovação na educação do país, pois a escola tradicional estava estagnada e atendendo apenas as demandas da elite, ou seja, havia exclusão educacional de acordo com a classe social. Defendia-se que a educação precisava ser essencialmente pública, igualitária e sem privilégios para um determinado grupo social, e que o ensino deveria ser um direito de todos, inclusive do jovem que não conseguiu completar seus estudos de forma regular. (SIMONATO, 2017).

Strelhow (2010, p. 49) nos define um pouco sobre a modalidade EJA:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino complexa porque envolve dimensões que transcendem a questão educacional. Até uns anos atrás, essa educação resumia-se à alfabetização como um processo compreendido em aprender a ler e escrever. O professor que se propõe a trabalhar com adultos deve refletir criticamente sobre sua prática, tendo também uma visão ampla sobre a sala de aula, sobre a escola em que vai trabalhar. Tem que ampliar suas

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

reflexões sobre o ensinar, pensando sobre sua prática como um todo. Ele precisa resgatar junto aos alunos suas histórias de vida, tendo conhecimento de que há uma espécie de saber desses alunos que é o saber cotidiano, uma espécie de saber das ruas, pouco valorizado no mundo letrado e escolar. Frequentemente o próprio aluno busca na escola um lugar para satisfazer suas necessidades particulares, para integrar-se à sociedade letrada, da qual não pode participar plenamente quando não domina a leitura e a escrita.

A partir desse parágrafo de Strelhow, é possível perceber quão importante é o resgate dos conhecimentos prévios, sua história, reconhecimento dos costumes populares e dos valores, assim a aula se torna dialógica, tornando-se um espaço partilha, construção e reconstrução de novos saberes.

A valorização do saber popular na escola é primordial (KOVALSKI & OBARA 2013), deve ser dada a devida importância ao conhecimento empírico trazidos dos estudantes, para que a aprendizagem seja uma fusão entre conhecimento popular e científico, a ensino aprendizagem. Segundo Paulo Freire (1996) “*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção*”. É importante a ocorrência dessa troca de saberes, respeitando os conhecimentos prévios dos alunos, e assim, pactuar a construção coletiva, algo novo a ser aprendido. Trabalhar conteúdos a partir dos saberes dos alunos, certamente, poderá contribuir positivamente na emancipação e na conscientização em qual faixa etária, mas principalmente na EJA que se encontra uma variedade de idades e públicos, sempre respeitando as suas histórias de vida experiências, promovendo assim, uma intensa relação entre os professores e os alunos, possibilitando o maior número de compartilhamento de ideias.

Todavia, cabe mencionar que para ser um professor da EJA é necessário realizar uma autorreflexão crítica sobre a sua prática, para que sua percepção na sala de aula seja diferenciada, pois são pessoas que em sua maioria, passaram muito tempo fora da escola, desta forma, a dinâmica de aula merece uma atenção especial.

O objetivo desse trabalho é demonstrar por meio da literatura como os conhecimentos empíricos dos alunos podem contribuir na construção didática e no processo de aprendizagem, transformando a sala de aula num lugar de troca de conhecimento, entre os alunos e entre o aluno e professor, desse modo, reconhecendo o valor que o saber popular no contexto educacional, principalmente, na EJA que pode despertar um maior interesse em aprender, criando hipóteses e obtendo respostas juntos, num processo contínuo e sistêmico de trocas entre todos os envolvidos direta e indiretamente no âmbito escolar.

Metodologia

Toda e qualquer produção de conhecimento geralmente implica em diversas abordagens metodológicas ao objeto de pesquisa. A metodologia de um trabalho científico deve conferir rigor à pesquisa. Como se trata de um trabalho ainda em construção, a primeira fase desenvolvida foi de cunho bibliográfico, sendo levantada uma gama de autores que são referências na temática desse trabalho.

Resultados e Discussões

Gadotti (2014) afirma que: “*torna-se um percurso cheio de dificuldades, então é essencial buscar meios para nortear o desenvolvimento das atividades na EJA*”, e podemos ter como ferramenta de superação para essas dificuldades, a Educação Popular. Paulo Freire, um dos percussores da EJA, define a Educação

Popular como:

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

Entendo a educação popular como o esforço da mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso poder, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que está aí, para que se possa fazer escola de outro jeito. Em uma primeira definição, eu a aprendo desse jeito (FREIRE E NOGUEIRA, p.19,1993).

Os movimentos populares têm o intuito de lutar pelos direitos das minorias, desse modo transformando a sociedade em um lugar melhor. A educação popular valoriza e respeita os conhecimentos que os indivíduos vêm acumulando ao longo de sua jornada, reconhecendo seu histórico de vida, suas lutas e suas experiências, por isso, é extremamente importante utilizar esses saberes já construídos na EJA, para a construção de novos saberes, mas que terão significado para o aluno (NASCIMENTO, 2016).

Paulo Freire no período de 1944 a 1964 praticava a Educação popular por meio dos círculos de cultura, chamado de “Método Paulo Freire”, que consistia em uma sala com todos os alunos em círculo e havia um animador que iniciava os assuntos, mas era um momento de troca, deste modo, todos ensinavam e aprendiam ao mesmo tempo. E cultura, porque eram abordados temas das vivências pessoais de cada um, com suas diferentes culturas, pensamentos e religiões, ou seja, emergido do grupo os temas e, ou, palavras geradoras. Por isso o círculo de cultura é uma forma libertadora de ensino, pois todos podem discursar sobre sua visão de mundo e ouvir a visão de mundo do outro, desta forma, se levantando um debate que é a iniciação do pensamento crítico.

É importante ressaltar que a educação popular se diferencia da educação bancária, como no livro Pedagogia da Autonomia Freire (1996) diz “*não é possível ao professor pensar que pensa certo mais ao mesmo tempo pergunta ao aluno se sabe com quem está falando*” (pg.35), sabe-se que é necessário criar um vínculo com o aluno para que ele não se sinta inferior ao professor, reconhecendo que os dois são aprendizes todos os dias de novos saberes, conforme o próprio Freire, desta que: “*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção*” (FREIRE, 1996).

Portanto, é importante um ambiente de amizade e respeito entre professor e aluno, pois ambos os lados têm a ensinar e aprender, refletindo de forma crítica sua visão de mundo e assim, gerando novas visões por meio de suas vivências, pois ainda segundo Freire, somos inconclusos:

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. (Freire, 1996, p.64)

Conclusão

É relevante destacar a importância de valorizar o saber popular na EJA, seja por meio de técnicas como o círculo de cultura, que são espaços de desenvolvimento da dialogicidade do sujeito, que por meio do saber popular auxilia o homem a enxergar o mundo com os próprios olhos, buscando liberdade e novos conhecimentos por meio de saberes já existentes dentro de si. Ou seja, se faz necessário mais técnicas e alternativas didáticas que coloquem o aluno na posição de protagonista, tais alternativas desviam dos preceitos tradicionais dominantes de ensino, pois respeita e considera as diferentes culturas, realidades e seus conhecimentos historicamente construídos. Desta forma o aprendizado se torna mais significativo ao aluno, pois o mesmo durante este processo vai adquirindo um pensamento crítico sobre sua própria.

realidade e refletindo de forma crítica sobre sua vida e de sua comunidade, se tornando um sujeito emancipado e tendo desta maneira, a oportunidade de escolher seu lugar no mundo. Todavia, é de grande importância um levantamento mais profundo sobre tal temática, tendo em vista que esse tema é de grande relevância no que abrange o cenário da educação atual.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer teoria e prática em educação popular**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

GADOTTI, Moacir. **Por uma política Nacional de Educação Popular de Jovens e Adultos**, 2014.

KOVALSKI, Mara Luciane; OBARA, Ana Tiyomi. **O estudo da etnobotânica das plantas Medicinais na escola**. The ethno-botanical study of medicinal plants at school. 2013.

NASCIMENTO, Háquila Ranielle Batista do. Universidade Federal Da Paraíba, [Trabalho de Conclusão de Curso]. **A Valorização Do Saber Popular na Educação de Jovens e Adultos**, 2016.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve **história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil**. Revista HISTEDBR on-line, v. 10, n. 38, 2010.

SIMONATO JUNIOR, Adair Umberto; TOTTI, Marcelo Augusto. Universidade Estadual Paulista UNESP, [Dissertação de mestrado]. **O sentido da teleologia dos pioneiros: relendo o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova à luz da revolução burguesa no Brasil**, 2017.